

## A AURORA E O CREPÚSCULO: VISÕES OCIDENTAIS DE UM POETA NO ESTRANGEIRO

---

*João Beato*

### **Introdução**

É um poeta que ama intensamente a sua pátria. Deixa-se fascinar pelo brilho das luzes e das estrelas. Retrata com a minúcia de um pintor o mundo das pessoas, dos animais e das plantas. Troca os corredores e as ambições do poder pelas seduções e fascínios do saber. A uma época de descoberta do mundo, prefere o mundo da sua própria descoberta. A ânsia que o enamora não se compraz na vulgar mediocridade. Situado nos fins do séc. XV e princípios do séc. XVI, a sua obra projecta-se para além do tempo. Ciente de que o homem é "um querer ir", no dizer de Gustavo Corção, faz-se peregrino de uma outra pátria. Permuta Lisboa, a cidade que o viu nascer, por Bolonha, a cidade em que quer estudar. E, uma vez na cidade que sonhara, não se demora, não se fixa, não se detém. É assim que conhece Florença, Roma, Ferrara, Pádua, o mundo. Conhecedor, por experiência própria, do pensar de Horácio (*Ep.* 1, 14, 10-13), segundo o qual o homem só está bem onde não está, faz-de viandante de várias estradas. E, de preferência a cidades, encontra homens, muitos homens que o despertam, que o cativam, que o seduzem para o mundo do saber. Entre estes sobressaem Pedro Rombo, Cataldo Sículo, Ângelo Policiano, Marcello Adriani, Filipe Beroaldo, Celio Calcagnini, Antonio Tebaldeo, Ercole e Tito Strozzi<sup>1</sup>. Tem como condiscípulos Anto-

---

<sup>1</sup> Cf. Luis de Matos, in *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1971, s.v. "Cayado (Henrique)"; Carlos André, in *Biblos – Enciclopédia*

nio Bentivoglio, Robert Langton, Peter Fischer, Francisco Senglada, Martinho de Figueiredo, J. Kognovicki e, "muito provavelmente" Copérnico<sup>2</sup>. Erasmo, nos *Adagia*, faz-lhe uma referência deveras elogiosa<sup>3</sup>. A razão que, de início, o levava a licenciarse em Direito cede à emoção que o arrasta para as Letras. É esta feliz ocorrência que o leva a escrever, além do mais, *Aeglogae*, *Syluae* e *Epigrammata*. As *Aeglogae* incluem apenas 9 poemas e não 10 como as *Bucólicas* de Virgílio. Subjacente a tal numeração está o facto de se sentir indigno de rivalizar com o maior dos poetas latinos<sup>4</sup>. Além de Virgílio imita Horácio, Ovídio, Calpúrnio Sículo<sup>5</sup>. Morre ao que tudo leva a supor – uma nuvem de mistério envolve os seus últimos anos – vítima de uma *angina uinaria*<sup>6</sup>. Eis o retrato pálido, rápido e impreciso do poeta e humanista novi-latino, Henrique Caiado<sup>7</sup>, cuja obra rica e colorida se oferece à nossa análise, integrada na temática deste colóquio: *plaga occidua*.

#### DEFINIÇÃO DE AURORA E DE CREPÚSCULO

Dado que a aurora e o crepúsculo constituem dois tópicos da poesia bucólica<sup>8</sup> não será de estranhar que, antes de mais, tentemos definir o que entendemos por estes vocábulos.

*Verbo das Literaturas da Língua Portuguesa*, Lisboa / São Paulo, Edit. Verbo, 1955, s.v. "Caiado (Henrique)".

<sup>2</sup> Carlos André, *ibid.*; Luís de Matos, in *loc. cit.*

<sup>3</sup> Sobre os termos em que é feita esta referência, cf. Marcel Bataillon "La mort d'Henrique Caiado", in *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1974, pp. 1-5; Claudie Balavoine, *Les <Églogues> d'Henrique Caiado ou l'Humanisme Portugais à la Conquête de la Poésie Néo-latine*, Lisboa – Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, p. 19, n. 78.

<sup>4</sup> Manuel de Faria e Sousa, *Fuente de Aganipe o Rimas Varias* (Manuscrito), Madrid, por Iuan Sanchez, MDCXLIII, in "Prologo I Discurso", nº. 3.; H. José Pimentel, *Contributo para o Estudo do Bucolismo em Portugal – As Éclogas de Henrique Caiado* (dactilografado), Lisboa, Faculdade de Letras, 1942, p. 86.

<sup>5</sup> Cf. Claudie Balavoine, *op.cit.*, pp. 22-26; Tomás da Rosa, *As Éclogas de Henrique Caiado*, in *Humanitas*, vols. II e III da Nova Série (vols. V e VI da Série Contínua), Coimbra, 1953-1954, p. 110; João Beato, *Situação, Análise e Projecção das <Bucólicas> de Tito Calpúrnio Sículo*, Lisboa, Faculdade de Letras, pp. 269-286.

<sup>6</sup> Cf. Marcel Bataillon, *ibid.*; Claudie Balavoine, *op.cit.* pp.16-20.

<sup>7</sup> Tomás da Rosa, *op. cit.*, p. 107; Claudie Balavoine, *ibid.*, pp. 4 e ss.; Américo da C. Ramalho, *Estudos sobre o Século XVI*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português, 1980, p.9.

<sup>8</sup> Cf. Henri Bardon, "L'Aurore et le Crépuscule", *REL* 24, 1946, 83; José G. Freire, "O pôr do sol em Virgílio e nos bucolistas portugueses do séc XVI", in *Biblos* 41, 1973, 2, Sep.; João Beato, *op. cit.*, pp. 69-74.

Em relação à aurora, sobre a qual se pronunciaram nomeadamente, que nós saibamos, Varrão (*L.L.* 7, 83) e Prisciano (*G.L.* 2, 509,28), vamos deter-nos na definição de Sérvio, o qual, ao comentar um passo da *Eneida*, afirma: *aurora uel crepusculum matutinum tempus quod ante solem est* (*A.* 3, 587).

No que respeita ao crepúsculo, sobre o qual emitiram o seu parecer alguns autores, dos quais se destaca Varrão (*L.* 6, 5), vamos ater-nos à caracterização que dele se faz nos *Scholia* a Estácio: *crepusculum dicitur quod inter diei finem est et exordium noctis* (*Schol. ad Theb.* 1, 344).

Delimitadas assim as noções de aurora e de crepúsculo, iremos considerá-las, não exclusivamente no sentido estrito, isto é, como um pequeno espaço temporal que precede o amanhecer ou o anoitecer, mas como dois pólos basilares em torno dos quais se processa o acontecer humano. Esta concepção, um tanto mais alargada, permitir-nos-á reevocar, ainda que de forma sucinta, as visões ocidentais do poeta e do humanista que se oculta sob o nome literário de *Hermicus*<sup>9</sup>.

## A AURORA

Momento particularmente singular de um novo dia que desponta fértil de sonhos e de promessas, a aurora aparece-nos em Caiado, não personificada, como em Virgílio (*A.* 5, 65) ou em Ovídio (*Met.* 2, 113), mas como uma realidade propícia a acolher a luz, a procurar o outro, a celebrar a vida.

### Acolher a luz

Realidade que não se pode aprisionar, a luz é uma dádiva que de contínuo se oferece à terra dos homens. Acolher esta dádiva plena de brilho e de esplendor, logo que ela irrompe no horizonte, *ut primum radios... Aurora... / extulerit* (*Ecl.* 2, 111-112)<sup>10</sup>, é uma urgência que se coloca a todo o cultor da poesia. Caiado não se mostra indiferente a esta realidade. Muito ao contrário, revela-se particularmente sensível à diversidade das cores de que a luz reveste, dia a dia, o mundo dos homens, das plantas e dos animais. É por isso que uma personagem das suas *Éclogas*, Filémon, considera urgente assumir as suas próprias responsabilidades, logo que a manhã criadora, porque abundante de luz, ilumine as pastagens repletas de orvalho: *Vmbrosae nocti uix lux successerat alma, /*

<sup>9</sup> Cf. Giulio Bertoni, "Umanisti portoghesi a Ferrara (Hermico e Didaco)", in *Giornale Storico della Letteratura Italiana*, CXIV, 1939, pp. 46-49; Claudie Balavoine, *ibid.*, p. 18

<sup>10</sup> Os passos citados das *Éclogas* de Caiado seguem a edição *The Eclogues of Henrique Cayado* by Wilfred P. Mustard, Baltimore, The John Hopkins Press, 1931.

*sparserat et gelido uix coelum gramina rore, / emisi pecus (Ecl. 1,56-58).* Acolher a luz significa, pois, há que sublinhá-lo, acolher a vida com tudo o que esta encerra de fortuna e de adversidade, de alegria e de tristeza, de esperança e de desilusão.

### Procurar o outro

Se, no dizer do poeta, a aurora se apresenta como um convite a acolher a luz, ela representa também um apelo a procurar o outro. Sim, o outro que se cruza diariamente no nosso caminho e que é, no pensar de um autor francês, "o nosso pão quotidiano", sem o qual não podemos viver como pessoas no universo criado. Esta é a razão por que se afigura carregada de sentido a expressão de Símilo, quando, ao romper da aurora, em dado passo, se dirige a Bato nestes termos: *mecum / ibis, et optatum pariter quaeremus amicum (Ecl. 2, 112-113)*. Ir ao encontro do outro, com quem se gosta de conviver e trabalhar, quando a luz da aurora esmalta de variadas cores a terra que habitamos, significa partilhar os sonhos e fracassos que se têm, as venturas e desventuras que se sentem, as dores e as alegrias que se vivem.

### Celebrar a vida

Mais do que acolher a luz ou procurar o outro, a aurora surge-nos em Caiado como uma oportunidade de celebrar a vida. Uma vez que é a poesia que dá sentido à vida, a celebração desta implica necessariamente a adopção daquela como forma de se estar no mundo. Ser sensível às pequenas ou grandes realidades, que dia a dia tecem e enleiam a vida de um ser humano, é algo que se torna imprescindível a um cultor da palavra como é o poeta. Analisadas a esta perspectiva, encontram plena justificação as palavras que, em dado momento, Aléxis dirige a Polifemo: *Vade age, quo properas; sed si Titane reverso / una erimus, tum sacra deo, tum plura canemus (Ecl. 9, 123-124)*. Fazer da vida uma festa em que os homens e os deuses se sintam irmanados, já que uns e outros são cultores da beleza de que a poesia é uma das muitas expressões, é uma das realidades que a aurora favorece e proporciona. Celebrar a vida, que nos seres vegetais, animais e humanos se manifesta e revela, como uma dádiva que se não repete, em cada madrugada que desponta, é algo que se oferece aos poetas e que estes sentem dever transmitir ao universo dos homens que povoam o mundo criado.

## O CREPÚSCULO

À semelhança da aurora, o crepúsculo, momento de particular relevância no mundo bucólico, aparece-nos em Caiado como um tempo sobremaneira convidativo a suspender o trabalho, a regressar a casa, a procurar o descanso.

### Suspender o trabalho

Com a sua luz ténue, baça e difusa, o crepúsculo representa para o homem, que se entrega às múltiplas e diversas actividades que lhe ocupam o espírito e o corpo, um tempo sobremaneira favorável à interrupção do trabalho. Assim deve entender-se a afirmação de Hércimo, no final do seu monólogo, quando, depois de pedir às Musas que o continuem a honrar com novos poemas, profere estas palavras: *Hesperus, ecce, propinquat* (Ecl. 4, 112). O aparecimento de *Hesperus*, a estrela da tarde, é apontado como factor justificativo da interrupção da actividade poética. De igual incidência no canto que entre si travam Cantareno e Barbádico se reveste o aparecimento da estrela da tarde, ao inclinar-se para o ocaso, precedendo o cair da noite envolta nas suas asas negras: *Hesperus alto / praecipitat coelo, nox interuenit opaca, / et remorata nigris terras complectitur alis* (Ecl. 8, 119-121). Se o fim do dia, preanunciado pelo aparecimento da estrela da tarde, leva os pastores a suspender o seu canto pastoril, isso não impede que eles o possam retomar logo que um tempo oportuno se lhes depare. Esta é a insinuação de Lantono a Harinto, ao dizer-lhe que não-de glosar o tema que os move noutra ocasião: *Tempus erit nobis quo latius ista loqueris* (Ecl. 5, 158).

### Regressar a casa

Sendo um incentivo a interromper o trabalho, o crepúsculo é também um convite a regressar a casa. A consciência desta realidade leva Filémon, no final da Écloga I, a dirigir-se a Fáustulo nestes termos: *Nunc age, nox quoniam aduentat iam proxima terris* (Ecl. 1, 115). Embora a expressão *nox...aduentat iam* não se refira ao crepúsculo no sentido estrito, a verdade é que também não é alheia ao tempo que precede o anoitecer. Igualmente expressivas são as palavras que Lantono diz a Harinto, no momento em que a noite, envolta no seu mistério, se aproxima da terra: *Venias, properemus, Harynthon; / nox ruit et socii procul hinc abiere; sequamur* (Ecl. 5, 156-157). Ao afirmar que os seus companheiros já vão longe, Lantono não quer dizer outra coisa senão que eles se encaminham para casa, em virtude de o dia se aproximar do seu termo. Mais significativo ainda, do que os passos citados, é o que se encontra na

Écloga VII, no qual Alfesibeu informa os seus interlocutores, Tírsis e Lígdamo, que é tempo de regressar a casa, tanto mais que já se aproxima da terra a estrela da tarde: *Ire domum tempus suadet;.../...gelido micat Hesperus astro* (Ecl. 7, 163-164).

### Procurar o descanso

Propício a suspender o trabalho e a regressar a casa, o crepúsculo é, sobretudo, o tempo favorável a procurar o descanso. Com o surgir do crepúsculo surgem as nuvens que, ofuscando o ar, dificultam a visibilidade e retardam o acesso do viandante a sua casa. Daqui a afirmação de Símilo a Bato: *En ueniunt iam sera crepuscula noctis, / impediuntque uiam fuscantes aethera nymbi* (Ecl. 2, 109-110). Impossibilitados de prosseguir a sua marcha, devido à chegada do crepúsculo, é natural que os homens se detenham e entreguem ao descanso. Este, apesar de, durante o dia, se insinuar amiudadas vezes na vida dos homens, é com o cair da noite que se manifesta em toda a sua plenitude. Semelhante explicitação fá-la o nosso poeta, quando, após várias referências ao repouso ocasional e momentâneo (Ecl. 4, 69-70; 4,73), alude ao repouso prolongado como corolário da refeição e do divertimento partilhado pelos vários membros da família junto à lareira. No dizer de Caiado, o espírito das gentes entrega-se então ao repouso merecido pelo trabalho anteriormente efectuado: *Otia securae peragunt tutissima mentes* (Ecl. 4, 106).

### O dia: o tempo privilegiado de visionar o mundo

Entre a aurora e o crepúsculo situa-se o dia, o tempo de entrever o mundo, o tempo de vislumbrar o espaço, o tempo de visionar os homens e as coisas. Caiado, poeta lusitano em terra estrangeira, aproveita o dia, mais ainda do que a aurora e o crepúsculo, que à distância se revestem de tonalidades nostálgicas, para nos dar a sua visão do Ocidente, o espaço em que nasceu, cresceu e despertou para o mundo das ciências e das letras. Exilado, por livre vontade, em terra estrangeira, aproveita o dia, espaço que medeia entre a aurora e o crepúsculo, para nos dar a sua visão do Ocidente que, como uma réstea de luz e de cor, recebida na infância, não cessa de esmaltar-lhe a vida onde quer que se encontre. Ora, essa visão do Ocidente traduz-se basicamente no evocar a pátria, no louvar as gentes e no cantar a terra.

### Evocar a pátria

Realidade a que está visceralmente ligado, como se fora uma segunda natureza, Caiado aproveita a sua permanência em solo estranho

para evocar a pátria que lhe está no sangue. E ao fazê-lo dá-nos a impressão de ser desejo seu aliviar o mal de ausência<sup>11</sup> que lhe invade o espírito. Este o motivo por que recorda, a cada passo, a terra do Ocidente que um dia deixara, *occiduis...oris* (Ecl. 2, 2) tal como o rebanho que de lá trouxera, bem conhecido do Mar Oceano e das praias douradas: *grem.../ Oceano notum ripisque nitentibus auro* (Ecl. 2, 3-4). Apesar de se sentir estangeiro, *aduena* (Ecl. 2, 1) na terra que habita, o poeta jamais esquece os prazeres que desfrutara na pátria distante, *delitias patriae* (Ecl. 2, 20), a maior fertilidade que lhe enriquece o solo, *fertilior patria* (Ecl. 2, 23), a vastidão das suas campinas, *extensos... campos* (Ecl. 2, 26) e, ainda, a maior abundância de gado que lá deixara: *pecoris maior... copia* (Ecl. 2, 25). Não restringido a estas lembranças, Caiado refere ainda, por intermédio de Bato, uma das suas personagens, não ter abandonado a pátria, por motivo de exílio, *nec dulcis patriae decessit finibus exul* (Ecl. 2, 32) ou, por uma exigência penosa, *durior...egestas* (Ecl. 2, 31). O que o levou a deixar a pátria foi o desejo incontido de ouvir de perto Policiano, cujo canto harmonioso havia chegado aos remotos confins da sua pátria: *Illius extremum uoces perduxit ad axem* (Ecl. 2, 35); foi o desejo manifesto de percorrer os campos cultivados da Itália, *Italici cultus uisurus aratri* (Ecl. 2, 38); foi a pretensão de juntar a sua voz à voz dos poetas pastores que cantam as florestas verdes, as pastagens e as habitações dos Faunos, *pascua nunc pecudum calamo celebramus agresti, / nunc...sylvasque uirentes, / Faunorumque domus* (Ecl. 1, 5-7); foi a determinação de singrar na vida e de corresponder às exigências do espírito que o convidava persistentemente para coisas mais elevadas: *ad altiora*.

Se uma das formas de amar a pátria é evocá-la em versos de notável recorte literário, outra é, sem dúvida, alimentar o desejo de voltar a vê-la fisicamente, logo que as circunstâncias o proporcionem. Caiado não ignora esta realidade. Por isso, não só lamenta uma situação em que se podia ter visto impossibilitado de regressar à pátria, *tunc spes in patriam redeundi protinus omnis / fallax...perisset* (Ecl. 2, 61-62), mas também manifesta o seu contentamento por, em dada ocasião, poder regressar à pátria das pastagens abundantes, das altas florestas onde o sopro rápido do vento favorece o galope das éguas e a sementeira das terras, *iam uictor adibo / (unde tuli gressus) annosis ardua syluis / pascua, uentus equas ubi cursu fulminis instar / concitat, atque uterum ueloci semine complet* (Ecl. 2, 50-53).

---

<sup>11</sup> Cf. Carlos André, *Mal de Ausência – o canto do exílio na lírica do humanismo português*, Coimbra, Minerva, 1992.

### Louvar as gentes

Sendo uma das vertentes da obra de Caiado a evocação da pátria, outra é o louvor das gentes. Poeta enredado no círculo dos homens que descobre, encontra e admira, onde quer que os seus passos o detêm, Caiado faz desfilar diante dos nossos olhos toda uma série de pessoas que lhe marcaram a vida na pátria distante e permanecem vivas na sua memória. Recordar agora toda essa galeria de pessoas torna-se impossível, limitados como estamos pela escassez do tempo. Esta circunstância, porém, não nos impede de destacarmos algumas dessas pessoas que, a nosso ver, se afiguram mais representativas. Pessoas humildes, simples, vulgares como os pastores que sofrem as inclemências do tempo: o ardor do sol, a chuva, o vento, o granizo cortante, *ignes...solis et imbres / et uolucres...uitrea cum grandine uentos* (Ecl. 1, 93-94). Pessoas amigas, familiares, próximas como os colegas, o irmão, os amigos: *socios fratremque.../ atque ipsos quibus est imprimis charus, amicos* (Ecl. 2, 20-21). Pessoas por quem Caiado nutre especial admiração, carinho e afecto, ao nível do saber, como é o caso do jovem poeta português, Diogo Pacheco ao qual se dirige em termos deveras elogiosos: *O decus aetatis, splendorque, et gloriae nostrae* (Ecl. 3, 56). Pessoas nobres, importantes e notáveis, ao nível do poder, como sucede com o rei D. Manuel a quem o nosso poeta não cessa igualmente de elogiar e enaltecer por ter conseguido reconciliar a terra e o céu: *Hesperiae rex magnae decus, quo praeside uirtus / e coelo in terras conciliata uenit* (Epigr. 3, 1-2)<sup>12</sup>. Graças aos feitos por si cometidos e realizados, D. Manuel não pode deixar de ser considerado, na óptica do poeta, o maior dos reis: *Regum maximus, Hemanuel* (Epigr. 3, 8).

Bastam-nos, pois, estas breves e limitadas referências para podermos vislumbrar o universo das pessoas que percorrem a obra de Caiado e que são objecto do seu louvor, apreço e admiração.

### Cantar a terra

Além de evocar a pátria ou louvar as gentes, o nosso poeta aproveita o espaço, que medeia entre a aurora e o crepúsculo, a fim de cantar a terra. Amada, de preferência àquela que agora habita, porque sua, a terra distante está sempre presente na sua memória e, por consequência, também na sua obra. A variedade das plantas que descreve, a diversidade

<sup>12</sup> Os passos dos *Epigramas* aqui mencionados seguem o texto de Rita Biscetti, "Contributo alla Storia dell'Umanesimo Portoghese: il Primo Libro degli Epigrammi di Henrique Cayado", in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1978, vol XIII, pp 317-327.



dos animais que refere, a multiplicidade dos homens que retrata dão-nos uma imagem variada e global da terra que canta em seus poemas. Recorrendo a uma versatilidade cromática admirável, na caracterização do mundo dos seres que povoam o universo em que se move, Caiado jamais deixa, de quando em vez, de aflorar imagens e espaços que lhe são familiares. Imagens que evoca a cada passo, como a do Tejo de areias doiradas e de caudal abundante: *Tagus pleno...aureus alueo* (Ecl. 9, 36) ou do Míncio, o mais notável dos rios que percorrem a Hespéria, cujo fluir nos faz esquecer o Bétis: *Mintius alter erit, Bethim post terga relinquet, / hesperios inter semper celeberrimus amnes* (Ecl.3,98-99). Significativa é também a referência ao Tejo como lugar habitado pelas Ninfas que o poeta convida a alegrarem-se: *Nymphae gaudete Tagi* (Ecl. 3, 101).

Cantar a terra é cantar um dos poetas que, por ter nascido em solo pátrio, é digno de maior glória que o próprio Tejo, já que este, não obstante as suas areias de ouro, não pode orgulhar-se de ter a sua origem em terra lusitana (Ecl. 3, 94-97), terra que por tal motivo deve sentir-se mais feliz do que os Campos Elísios: *Elysiis campis tellus foelicio illa* (Ecl. 3, 59).

Cantar a terra é cantar o espaço assim como o povo que sulcou os mares e descobriu horizontes não manchados pela mão do homem, só comparáveis aos que caracterizaram a Idade de Ouro: *Tales, Oceani rati- bus dum nauigat aequor, / per mare non notum classem ducentibus astris, / rex uarios populos reperit, rex inclytus, auri / diues et extremum nutu qui temperat orbem* (Ecl. 4, 39-42).

### Conclusão

Ao abordar a aurora e o crepúsculo, tópicos da poesia bucólica, como dois pólos entre os quais se joga o acontecer humano, Caiado revela, de forma clara, inequívoca e fascinante ser um poeta verdadeiramente integrado no Ocidente. Considerando a aurora como um apelo a acolher a luz, a procurar o outro e a celebrar a vida, e reconhecendo no crepúsculo uma chamada a suspender o trabalho, a regressar a casa e a procurar o descanso, Caiado revela uma visão de vida que se integra na concepção ocidental. Segundo esta, a aurora simboliza "todas as possibilidades", "todas as promessas"<sup>13</sup>, enquanto o crepúsculo designa "o fim de um ciclo", "a beleza nostálgica de um declínio"<sup>14</sup>.

Por sua vez o dia, delimitação espaço-temporal que se oferece ao poeta em terra estrangeira, representa a oportunidade para evocar a

<sup>13</sup> Cf. Jean Chevalier / Alain Gheerbrant, *Dictionnaire des Symboles*, Paris, Seghers, 1981, s.v. "aurore".

<sup>14</sup> Id., *ibid.*, s.v. "crépuscule".

pátria, lembrar as gentes e cantar a terra. Simboliza o tempo excepcional da clarividência, o tempo favorecedor da iluminação, o tempo privilegiado da visão do mundo. Sim, do mundo que o poeta deixou, à luz daquele que ele próprio herdou: esse mundo que, apesar de distante, continua presente na sua obra e que outra coisa não é senão a *occidua plaga*, afinal o tema deste Colóquio Intenacional.